

- Na *Revista 18* (Vol. 21, set. 2007, São Paulo, p. 52 - 54) sobre o livro *Lisboa. 19 de Abril de 1506. O massacre dos judeus* (Lisboa, Aletheia, 2007.), pela mão de Bruno Feitler com o título “**O massacre de Lisboa cinco séculos depois**”:

Seca, fome e peste. Esta era a situação pela qual passava Lisboa naquela Páscoa de 1506. O rei, como era costume em tais casos, havia saído da cidade, e atrás dele grande parte dos nobres e dos membros da alta burguesia. Enquanto isso, várias procissões pediam a Deus que acabasse com as desgraças que assolavam a população. Neste espírito de exaltação, no domingo 19 de abril, uma semana depois da celebração da morte e ressurreição de Jesus pelos cristãos, um milagre aconteceu na igreja do convento dos dominicanos. Os relatos divergem quanto ao acontecido, mas a multidão cada vez maior que lá se aglomerava afirmava ter visto no espelho incrustado no meio do crucifixo uma imagem da Virgem chorando sobre o corpo de Cristo morto, ou segundo outros, uma ou várias chamas ou estrelas em torno da cruz. A notícia correu rápido, e em pouco tempo uma multidão convergiu para o convento, entre habitantes de Lisboa e comerciantes e marinheiros estrangeiros que pululavam na cidade. O grande entreposto comercial, apesar da peste, não podia cessar de funcionar.

Nem todos os que chegavam ao local conseguiram assistir ao milagre, como aquele alemão, que, de passagem pela cidade, iria mais tarde escrever um dos principais relatos sobre os acontecimentos. Para ele, bastou que vários de seus amigos ali presentes lhe afirmassem que não se tratava de um truque dos monges para que ele acreditasse que os outros haviam realmente presenciado um sinal divino. Mas esta não foi a reação de todos. Naquele dia, às três horas da tarde, um cristão-novo, ou seja, um dos judeus convertidos à força ao cristianismo em 1497, pôs em causa o tal milagre, lembrando que fazia mais falta à cidade, devido à seca, um milagre de água do que de fogo. Não se conhecem exatamente as palavras que ele proferiu, mas elas bastaram, tendo em vista o estado de excitação e de fervor das pessoas ali presentes, para que elas as entendessem como uma terrível afronta. As mulheres se jogaram sobre o coitado, que foi arrastado para fora da igreja e linchado até ficar inconsciente. Os homens e jovens que por lá estavam se encarregaram de matá-lo e de despedaçar seu corpo.

O irmão do incauto blasfemo, tentando entender o que acontecia, também foi imediatamente morto e os corpos de ambos, queimados numa fogueira que a população acendeu em frente ao convento. Este incidente isolado se transformou num massacre generalizado, nunca visto em terras portuguesas, quando um dominicano subiu ao púlpito da igreja e pregou um virulento sermão contra os “judeus”, enquanto outros religiosos, com um crucifixo em punho, lançavam ao povo gritos de “heresia, heresia! Destruam este abominável povo!” Entre mil e quatro mil cristãos-novos foram brutalmente assassinados durante os dias que seguiram: crianças de colo arremessadas contra a parede, mulheres grávidas jogadas das janelas e seus ventres abertos a ponta de faca, homens e velhos massacrados; casas e bens também foram pilhados. Os corpos, mas também muitas pessoas ainda em vida, foram jogados em duas grandes fogueiras, armadas uma na frente da igreja dos dominicanos e outra no terreiro do Paço. A turba só se acalmou, ou se cansou de tanta brutalidade, depois de três dias, após a morte de um opulento cobrador de impostos cristão-novo e a chegada de reforços enviados pelo rei.

Como lembram os autores Susana Bastos Mateus e Paulo Mendes Pinto, a publicação do livro aqui em questão foi impulsionada pela efeméride, ou seja, pela comemoração dos quinhentos anos deste massacre que, por muito tempo, ficou esquecido da memória nacional portuguesa. Depois de uma grande repercussão, a memória da matança foi se apagando para ressurgir só no século 19, mas mais como um argumento de polémica (anti-semita ou contra a Igreja) ou tema de romances históricos – cujo mais recente avatar é *O Último Cabalista de Lisboa*, de Richard Zimler – do que como tema de pesquisa histórica. O único trabalho sistemático sobre a questão, referência até hoje, é de Yosef Haim Yerushalmi, que publicou um texto de fundo sobre o evento, feito a partir de fontes inéditas, em inglês em 1976 e em francês em 1998, e que os autores não deixam de citar. Assim, este livro é o primeiro a tratar em português, do ponto de vista histórico, da questão. Mais do que estudar o próprio evento, *Lisboa 19 de Abril de 1506: o Massacre dos Judeus*, interessa-se em desvelar suas causas mais profundas, que, é claro, ultrapassam em muito o simples rebuliço causado por um milagre em tempos de peste, como descrevemos acima. Depois de passar rapidamente pela antiga presença judaica na península ibérica, atestada por artefatos arqueológicos, desde pelo menos o século 2 da era cristã, e pela história dos judeus de Portugal, os autores analisam a fundo as causas do tenebroso acontecimento. Estas causas vão desde a descoberta, três dias antes do massacre, de um grupo de cristãos-novos praticando os ritos de *Pessach*, até as tensões causadas pelo aumento exponencial do número de judeus em Portugal, reflexo direto das conversões forçadas nos reinos vizinhos, da fundação da Inquisição e da expulsão final dos judeus de Espanha em 1492. Mas o fato principal que

serve para explicar a situação em que se encontravam os cristãos-novos em Portugal foi própria conversão forçada de 1497, ordenada pelo rei Dom Manuel, que permitiu que os cristãos-novos, apesar de ainda serem vistos como judeus pelo resto da população, alcançassem projeção econômica e política ainda nunca vistas. Sobre o próprio evento, descrito minuciosamente, os autores chegam a formular a hipótese, documentalmente infundada, mas bastante original e factível, de que o autor da frase sacrílega proferida dentro da igreja de São Domingos não tivesse sido um cristão-novo (pág. 76-77). Teria sido o clima tenso, toda a histórica intolerância da população e o discurso dos dominicanos que teriam posto os cristãos-novos no tradicional lugar de bodes expiatórios.

Os autores ampliam mais uma vez o escopo da obra ao estudar as diversas repercussões do massacre, tanto para os dominicanos e para a cidade de Lisboa quanto para a política régia em relação aos cristãos-novos. Com efeito, Dom Manuel sentiu-se obrigado a “afrouxar” a política voluntarista de assimilação da minoria de origem judaica, permitindo sua saída do Reino (proibida desde 1499) e prolongando, pela primeira vez, a proibição de inquirir sobre a fé dos novamente convertidos, decretada no ano da conversão forçada. Para Lisboa, as medidas foram duras, com o fim de vários dos privilégios fiscais e honoríficos da cidade e, para os culpados, dependendo de sua implicação no caso, penas de morte, açoite e confisco de bens. Contudo, em 1508, as sanções decretadas contra a mais importante cidade do Reino foram suspensas, seja pela intervenção da rainha, seja pelas próprias necessidades financeiras e militares de Dom Manuel.

Os dominicanos implicados no massacre foram duramente castigados: dois ou três deles acabaram queimados na fogueira. Cabe nesta parte, em que os autores fazem referência à ligação entre dominicanos e a Inquisição, fazer algumas correções, mas que não atingem em nada o principal do trabalho de reconstituição histórica. Com efeito, seguindo o profundo estudo sobre a questão feito por José Pedro Paiva, os dominicanos não tiveram nenhum papel na fundação da Inquisição portuguesa, cujo primeiro tribunal se instalou em Évora (e não em Lisboa) em 1536. Se nos anos 1540 começaram a ocupar cargos importantes no Santo Ofício, foi só em 1614 que lhes foi outorgado um lugar fixo no Conselho Geral, e não nos anos 1570, quando o inquisidor geral concede aos jesuítas tal honra. Tampouco podemos deixar de notar que por vezes, e apesar da sensibilidade com a qual o tema é tratado, os autores utilizam certas formulações abruptas, como quando afirmam (pág. 115) que linchamentos podem eventualmente ser justos...

Finalmente, devemos chamar a atenção para a grande quantidade de fontes, quadros explicativos e imagens com que os autores complementam sua exposição, dando assim ao leitor a possibilidade de tomar conhecimento dos documentos e de tirar, em alguns casos, suas próprias conclusões sobre este terrível evento que delineou fortemente a história dos descendentes dos judeus portugueses, mostrando que a partir daquele momento, e por muito tempo, a coexistência entre cristãos-velhos e cristãos-novos no Reino de Portugal seria marcada pelo afrontamento.